

**ESPACIALIZAÇÃO DA AGRICULTURA URBANA NA CIDADE
DE MONTES CLAROS, MINAS GERAIS, BRASIL**

*URBAN AGRICULTURE SPATIALIZATION IN MONTES CLAROS CITY,
MINAS GERAIS, BRAZIL*

**Luiz Andrei Gonçalves Pereira
Marina de Fátima Brandão Carneiro
Igor Martins de Oliveira**

Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES)
luizandreigoncalves@yahoo.com.br; marina.carneiro@unimontes.br;
igormogeo@gmail.com

RESUMO

Dentre as diversas formas de ocupação do espaço urbano, encontra-se a prática de Agricultura Urbana desenvolvida nos quintais e nos lotes vagos. O objetivo deste trabalho é analisar o processo de organização das dinâmicas estruturais do processo de produção da Agricultura Urbana no espaço urbano montes-clarense. Os procedimentos metodológicos adotados foram a revisão de literatura e as atividades empíricas desenvolvidas nas áreas de Agricultura Urbana. A discussão teórico-conceitual subsidiou a abordagem das práticas agrícolas urbanas e suas políticas públicas voltadas para a promoção da segurança alimentar em Montes Claros.

Palavras-chave: Espacialização. Agricultura Urbana. Montes Claros.

ABSTRACT

Among the several forms of occupation of urban space there is the urban agriculture practice developed in yards and vacant lots. This work aimed to analyze the process of organization of the structural dynamics of Urban Agriculture production process in urban space in the city of Montes Claros. Methodological procedures adopted literature review and empirical activities developed in the areas of Urban Agriculture. Theoretical-conceptual discussion subsidized the approach of urban agricultural practices and their public policies aimed at the promotion of food security in Montes Claros.

Keywords: Spatialization. Urban Agriculture. Montes Claros.

INTRODUÇÃO

A intensificação do processo de urbanização, atuando de forma conjunta com a modernização econômica representada por fatores tais como a privatização da terra, o uso de tecnologia avançada na produção agrícola nas áreas rurais e a industrialização no espaço urbano, contribuiu para o aumento da população urbana. A concentração da população nas cidades aliada à expulsão e/ou deslocamento das famílias de trabalhadores rurais para o ambiente urbano têm causado um crescimento desordenado, principalmente nas áreas periféricas, ocupadas pela população de baixa renda. É

importante pontuar que o espaço urbano é transformado pelos interesses do capital, pelas múltiplas formas de uso e de ocupação do solo urbano. Nos diversos usos do solo urbano, encontra-se presente a Agricultura Urbana que é praticada nos quintais e nos terrenos/lotes vagos urbanos.

Há mais de vinte anos, importantes experiências no desenvolvimento da Agricultura Urbana vêm sendo realizadas em diversas regiões e/ou cidades do mundo como uma prática de complementação das atividades rurais (MOUGEOT, 2000). Por isso a agricultura sempre esteve presente no espaço urbano, segundo Boukharaeva et al., (2005), a academia tem negligenciado os estudos direcionados à prática da Agricultura Urbana. Conforme Maia (2001), as atividades agrícolas urbanas vão se transformando e se adequando às condições das cidades em um espaço onde a urbanização é cada vez mais intensa.

Em um contexto de intensa urbanização, onde os espaços caracterizados por lotes vagos e quintais estão sendo reduzidos, devido ao aumento das edificações, este estudo propõe o seguinte questionamento: Como estão distribuídos e organizados os espaços de atividades agrícolas urbanas na cidade Montes Claros? Tendo como principal objetivo, analisar a organização das dinâmicas estruturais do processo de produção da Agricultura Urbana no espaço urbano montes-clarense.

Os procedimentos metodológicos adotados foram: revisão de literatura com foco nas discussões inter-relacionadas com as práticas de Agricultura Urbana, tendo como suporte os autores: Gutiman (1987); Mougeot (2000); Bayer (2000); Drescher, Jacob e Amend (2000); Bellows et al., (2001); A. Machado e C. Machado (2002); Sánchez (2004); Pessôa (2005); Arruda (2006); Carmo (2006); MC Clintok (2006); Santandreu e Lovo (2007); Veloso, Oliveira e Carneiro (2009); Corbert (2010); Crush, Hovorka e Tevera (2011); Oliveira (2011); Torreggiani; Dall'ara; Tassinari (2012); Hespanhol (2015), dentre outros meios de informações.

Na parte de dados secundários, foi utilizada a imagem de satélite (WorldView II, 2014), na qual foram identificadas as áreas da Agricultura Urbana em lotes vagos e quintais urbanos. As informações coletadas foram organizadas e publicadas em um mapa temático (Mapa 01), que representa a espacialização dos locais onde são desenvolvidas as atividades agrícolas urbanas na cidade de Montes Claros. Posteriormente, realizou-se o levantamento de informações empíricas através da utilização da técnica de trabalho de campo com o intuito de observar os espaços e as práticas da Agricultura Urbana, bem como as atividades cotidianas dos (as) agricultores (as) envolvidos (as). E para registrar as incursões no campo de estudo foram feitas anotações e tiradas fotografias, como forma de mostrar o cenário das atividades agrícolas urbanas e seus processos.

AGRICULTURA URBANA: ABORDAGENS TEÓRICO-CONCEITUAIS

As abordagens teórico-conceituais acerca da Agricultura Urbana são necessárias para a compreensão do processo de transformação das cidades, ao longo da história da humanidade, por meio das dinâmicas socioeconômicas e das relações sociais. Para Sánchez (2004), os estudos da Agricultura Urbana e Periurbana pautam na produção de alimentos e na preservação ambiental para atender as demandas dos mercados através da venda de grãos, verduras, mel, peixes, forrageiras, flores e de animais. Estes estudos são de cunho mais qualitativo, uma vez que não existe uma base estatística de dados para consolidar os estudos quantitativos. As informações são obtidas através da coleta de dados por meio de entrevistas acerca dos rendimentos da produção, do acesso aos mercados locais urbanos, do armazenamento, do transporte e

dos preços no mercado. O crescimento das práticas agrícolas urbanas tem ocorrido em vários países da Ásia, América Latina e África. Apesar das limitações, estas práticas demandam estudos quantitativos, que busquem explicar e/ou entender a dinâmica, os enfrentamentos de crises e as ações de combate à pobreza.

Vários autores desenvolveram estudos com diferentes olhares, formas e perspectivas analíticas acerca da Agricultura Urbana. Arruda (2006) fez uma análise das atividades agrícolas urbanas a partir de programas de hortas comunitárias, associadas aos subsídios das políticas públicas urbanas. Enquanto Bayer (2000) e Bellows et al., (2001) trataram da tipologia de criação de animais, bem como da convivência das pessoas com os animais na cidade e do bem estar dos cidadãos. Para Boukharaeva et al., (2005), a Agricultura Urbana é vista como uma ferramenta na promoção do desenvolvimento sustentável por meio de análise comparativa entre o Brasil, a França e a Rússia. Nas visões de Drescher, Jacob e Amend (2000); Corbert (2010), a Agricultura Urbana torna-se uma ação mitigadora da segurança alimentar e nutricional para as populações das cidades, conforme MC Clintok (2006), ela favorece também a inclusão das mulheres no sistema produtivo urbano.

Há certo consenso entre os autores na definição de Agricultura Urbana. Para Oliveira (2011), por exemplo, grande parte dos autores que trabalha com essa temática considera o local onde ela é praticada, desconsiderando a forma como é desenvolvida e a função que desempenha. Em seus argumentos, Mougeot (2000), pontua que o conceito de Agricultura Urbana precisa evoluir, a partir da necessidade da sociedade em codificar e em refinar as suas relações com um fenômeno mundialmente conhecido como a fome, na medida em que a sua identidade e a sua funcionalidade externa e interna dependerá de coerências conceituais nas formas de uso e de ocupação do espaço urbano.

As múltiplas interfaces no processo de ocupações dos espaços nas cidades mostram que a Agricultura Urbana tem apresentado práticas e atividades do campo no urbano, uma vez que ela se desenvolve em espaços intraurbano construídos e também nos espaços abertos periurbanos. Nas cidades existentes, a expansão urbana não dá sinais de redução, devido ao elevado consumo do solo natural e agrícola, através do crescimento no espaço horizontal e, também, aparentemente as cidades desenvolveram-se de forma vertical, por meio da construção de edifícios. O crescimento das cidades e o deslocamento da população fortaleceram os espaços intraurbanos e periurbanos com a expansão das atividades agrícolas em áreas com tamanhos reduzidos (TORREGGIANI; DALL'ARA; TASSINARI, 2012). É importante frisar as temáticas discutidas no processo de organização espacial da Agricultura Urbana.

Os termos destacados, tais como: "Agricultura Urbana" e "Agricultura Intraurbana e Periurbana", são utilizados apenas nos meios acadêmicos e, ocasionalmente nos meios de comunicação. A popularização desses termos exige uma definição melhor que os especifique através de coerência interna e de funcionalidade na sua compreensão e na sua utilidade (MOUGEOT, 2000). No entanto, destaca-se que não existe um conceito melhor, e sim uma conceituação mais adequada à realidade estudada ou vivenciada nas atividades agrícolas urbanas.

O desenvolvimento de projetos e trabalhos passa a exigir uma melhor sistematização das tipologias da Agricultura Urbana. Entende-se que o conceito formulado por Mougeot (2000, p. 7) enquadra-se na realidade brasileira e de Montes Claros, objeto deste estudo, com destaque para:

A agricultura urbana é a praticada dentro (intra-urbana) ou na periferia (periurbana) dos centros urbanos (sejam eles pequenas localidades, cidades ou até megalópoles), onde cultiva, produz, cria, processa e distribui uma variedade de produtos alimentícios e não alimentícios, (re) utiliza largamente os recursos humanos e materiais e os produtos e serviços encontrados dentro e em torno da área urbana, e, por sua vez, oferece recursos humanos e materiais, produtos e serviços para essa mesma área urbana.

Outra contribuição conceitual importante vem de Drescher, Jacob e Amend (2000), ao pontuar de forma mais ampla, que a Agricultura Urbana engloba os cultivos de alimentos, incluindo as árvores frutíferas, bem como a criação de animais, com destaque para as aves, as abelhas, os coelhos, as cobras, os peixes, os porcos e animais nativos. Essas atividades desenvolvidas, segundo Mougeot (2000), compõem a estrutura integrada da agricultura para/com o sistema produtivo urbano.

Ao considerar a dimensão espacial em seus estudos, Carmo (2006) evidencia a Agricultura Urbana através da caracterização, da espacialização e dos subsídios articulados ao planejamento urbano. Para ele, o aspecto divergente entre a Agricultura Urbana e a Agricultura Rural dá-se pelo ambiente e/ou espaço que estas são desenvolvidas. Essa definição pode parecer simplória *a priori*, contudo, o autor formula um conceito tipificando diferentes espaços alternativos, nos quais a Agricultura Urbana pode ser desenvolvida, tais como: diretamente no solo, em canteiros suspensos, em vasos ou onde a criatividade sugerir.

Com base no critério de localização da produção, os autores A. Machado e C. Machado (2002) consideram que as definições de Agricultura Urbana variam entre as áreas dentro e/ou no entorno das cidades. Chamando atenção para esta definição, no sentido de entender e de definir a dimensão espacial do “entorno das cidades” ou do “espaço periurbano”. Não é comum na literatura sobre a referida temática, a definição espacial dos espaços periurbanos. Assim, ao longo dos anos, a Geografia e outras ciências afins vêm trabalhando na perspectiva de discutir a relação rural/urbano, como forma de abordar o periurbano, pois a prática de Agricultura Urbana tornou-se um fator de exemplificação do *continuum* rural/urbano.

Ainda acerca do conceito de Agricultura Urbana, Pessôa (2005, p.12) o descreve como aquele que “compreende uma variedade de sistemas agrícolas, que vão desde a produção para a subsistência e processamento caseiro até a agricultura totalmente comercializada, que envolve uma gama de aplicações e implicações que buscam diferentes fins”. Percebe-se que Pessôa (2005) tem dado à Agricultura Urbana uma conotação comercial ao levar em consideração a logística da produção de forma mais extensiva. Para Hespanhol (2015), pelo fato da produção da Agricultura Urbana ser pequena, ela estaria mais voltada para atender o autoconsumo familiar e o excedente dos produtos seria comercializado nos mercados locais.

Por fim, existem dois conceitos oficiais encontrados na literatura relacionados à Agricultura Urbana. O primeiro foi publicado pela Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação - FAO (1999), que considera como atividades da Agricultura Urbana todas as práticas agrícolas situadas e desenvolvidas dentro das cidades e/ou na hinterlândia delas. Pois a Agricultura Urbana (AU) e Periurbana (AUP) demandam por recursos, tais como: a água, a terra, a mão-de-obra, insumos (adubos), dentre outros, que poderiam destinar-se, também, a outros fins para satisfazerem as necessidades da população urbana. No Estado de Minas Gerais foi homologada a Lei 15.973, de 13 de janeiro de 2006, que dispõe sobre a política de apoio à Agricultura Urbana, em seu artigo 1º, parágrafo único:

Como agricultura urbana o conjunto de atividades de cultivo de hortaliças, plantas medicinais, espécies frutíferas e flores, bem como a criação de animais de pequeno porte, piscicultura e a produção artesanal de alimentos e bebidas para o consumo humano (MINAS GERAIS, 2006, p. 81).

Dentre as mais diversas experiências da Agricultura Urbana, existem seis variantes que são utilizadas no processo de formulações dos conceitos e de justificativas do seu desenvolvimento. Segundo Mougeot (2000), são elas: I) tipos de atividades econômicas; II) localização intra-urbana ou periurbana; III) tipos de áreas onde ela é praticada; IV) sua escala e sistema de produção; V) as categorias e as subcategorias de produtos alimentícios e não alimentícios; VI) a destinação dos produtos, inclusive a sua comercialização. O desenvolvimento da Agricultura Urbana promove a integração e interação dos espaços das cidades de forma multidimensional, na medida em que existem as práticas de produção, de transformação e de prestação de serviços no aproveitamento dos espaços vazios, além de desenvolver também a dimensão multifuncional ao combinar as diversidades socioculturais e ao promover a integração dos espaços produtivos e ecológicos, respeitando a preservação de hábitos, costumes e tradições, por meio da implementação de políticas públicas de combate a fome, a pobreza e a insegurança alimentar (SANTANDREU; LOVO, 2007; VELOSO; OLIVEIRA; CARNEIRO, 2009; OLIVEIRA, 2011). A prática da Agricultura Urbana tem contribuído com a segurança alimentar e nutricional, principalmente para a população de baixo poder aquisitivo, que reside nas áreas periféricas das cidades.

Ao discutir a contribuição das atividades agrícolas urbanas para a promoção da segurança alimentar e nutricional, é preciso frisar a ideia de Gutiman (1987), quando destaca a preocupação constante com a situação da pobreza e a perda da qualidade de vida que tem prejudicado a sobrevivência de um grande número de seres humanos, uma vez que o crescimento econômico não consegue atendê-los de forma satisfatória, principalmente nos países em desenvolvimento onde a pobreza persiste. A superação dos problemas demanda programas produtivos integrados aos atores e às soluções sociais, aos quais poderiam incorporar a Agricultura Urbana. Sendo que a produção alimentar urbana e periurbana precisa estar inserida em uma estratégia de autossuficiência, associada às propostas de autoprodução e de prestação de serviços coletivos, que se estruturam em uma base econômica mais informal e se apresentem desvinculadas parcialmente dos circuitos comerciais para as populações dos países desenvolvidos e em desenvolvimento.

Nas observações de Crush, Hovorka e Tevera (2011), a Agricultura Urbana pode ser um mecanismo adotado através da implementação de políticas públicas no enfrentamento à vulnerabilidade social, à pobreza, à insegurança alimentar e à desigualdade de gênero, visíveis no espaço urbano. Os espaços públicos e privados intraurbanos desocupados podem e são utilizados para o plantio de culturas arbóreas e para a criação de animais, em um mercado de terras onde desenvolvem-se atividades agrícolas também informais, porque as pessoas não tem acesso à terra legalizada.

Nas cidades, o desenvolvimento da Agricultura Urbana ocorre através do aproveitamento de espaços urbanos, que são os quintais e os lotes vagos, utilizados para plantar e criar animais. Isto posto, no próximo trecho deste artigo, o foco foi a espacialização da Agricultura Urbana na cidade de Montes Claros.

AGRICULTURA URBANA E SEUS ESPAÇOS NA CIDADE DE MONTES CLAROS

As transformações socioeconômicas ocorridas em Montes Claros, a partir de sua inserção na área de influência da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste – SUDENE, especialmente a partir da década de 1970, contribuíram com o processo migratório e com a urbanização desta cidade (CARNEIRO et al, 2010). Desta forma, o aumento da população migrante intensificou-se no espaço montes-clarense. Paralelo a isso, também foram-se expandindo as atividades agrícolas no perímetro urbano, sobretudo nas regiões periféricas por concentrarem maior quantidade de espaços vagos, e onde se localizam a maior parte dos migrantes de baixa renda (LEITE; PEREIRA, 2008; OLIVEIRA, 2011). Conforme Oliveira (2011), a Agricultura Urbana encontrada na cidade de Montes Claros é um exemplo da integração dos hábitos e das práticas do rural no ambiente urbano através perspectiva do *continuum*.

Nos estudos já realizados acerca da Agricultura Urbana em Montes Claros, principalmente no período de 2009 a 2011, foram identificados diversos tipos de produtos cultivados, dentre os quais se destacam as hortaliças, as plantas medicinais, a plantação de mandioca, as árvores frutíferas (manga, laranja, cana, goiaba, acerola, etc.), o feijão Guandu (conhecido popularmente como “andu”), e outros. Também, de forma sazonal, foi encontrado o cultivo de milho e feijão, cujo plantio obedece ao regime das chuvas da região norte-mineira, que são concentradas no período de novembro a março. Além disso, verificou-se a criação de animais, muitos deles transitando e pastando nas vias públicas, a saber: cavalos, vacas, cabras, galinhas e porcos (OLIVEIRA, 2011). Especialmente as atividades agrícolas urbanas são distribuídas de forma concentrada no espaço urbano montes-clarense.

Em Montes Claros, na região Norte/Noroeste da cidade, no bairro Vila Antônio Narciso – de classe média baixa e com pouca infraestrutura – devido à grande quantidade de espaços vazios, concentrou-se a prática de Agricultura Urbana. Nos anos de 2009, 2010 e 2011 foram verificadas as seguintes tipologias de atividades agrícolas urbanas: a) Agricultura Urbana de grande porte, com a sua produção destinada ao abastecimento de supermercados e sacolões, por isso ela se especializou no cultivo de hortaliças e produção de mudas através de uso do sistema de irrigação e de trabalho assalariado. B) Agricultura Urbana de médio e de pequeno porte, desenvolvida mais no âmbito familiar. Sendo que a comercialização dos produtos foi realizada no próprio local e/ou pelas ruas de bairros com o auxílio de um “carinho de mão”. Além da comercialização da produção, os produtos agrícolas urbanos são destinados ao próprio consumo e também são doados para parentes, vizinhos e projetos sociais (OLIVEIRA, 2011). Levando em consideração as discussões anteriores, no período de 2015 a 2017, trabalhou-se com o intuito de caracterizar a organização da Agricultura Urbana na cidade de Montes Claros.

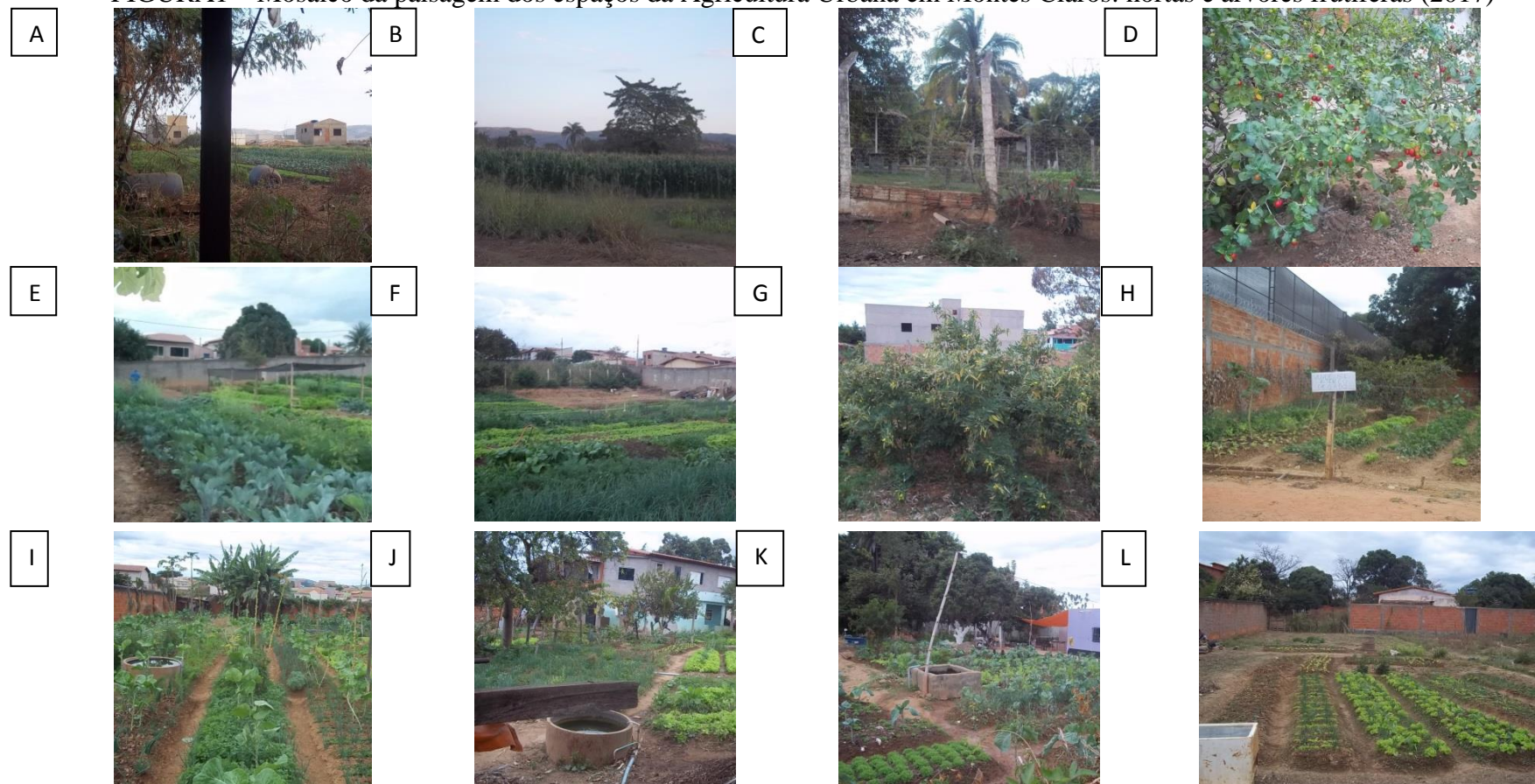
Além das atividades agrícolas desenvolvidas nos espaços visitados através do trabalho de campo, sabe-se que existe a prática de Agricultura Urbana em espaços privados, que são difíceis de acessar devido à complexidade em localizar as hortas e a necessidade de autorização dos proprietários para realizar as visitas de campo. Nas pesquisas empíricas, no acompanhamento das atividades agrícolas urbanas, buscou-se identificar as estratégias desenvolvidas nas transformações do espaço urbano por meio do desenvolvimento da Agricultura Urbana. O bairro Vila Antônio Narciso é o local onde mais se tem hortas na cidade de Montes Claros, porém, quando se compara com o período de 2009 a 2011, percebe-se uma redução na quantidade das áreas utilizadas para a Agricultura Urbana, provavelmente em função do *boom* imobiliário, uma vez que os

lotes vagos, até então utilizados para a Agricultura Urbana, estão sendo usados nas edificações. A maior e mais desenvolvida área de cultivo da Agricultura Urbana, o “Paráiso das Alfaces”, foi extinto, uma vez que a demanda por hortaliças que ele atendia, agora é produzida no bairro Morada do Parque, na zona Sul de Montes Claros.

O cenário encontrado no bairro Vila Anália, assemelha-se ao do bairro Vila Antônio Narciso, pois o crescimento urbano, sobretudo com a criação/expansão dos bairros Vila Anália II, Belvedere e Jardim Olímpico, tem reduzido a área de pastoreio dos carroceiros criadores de equinos e também de bovinos, fazendo com que as áreas para mangueiros fiquem mais distantes de suas residências.

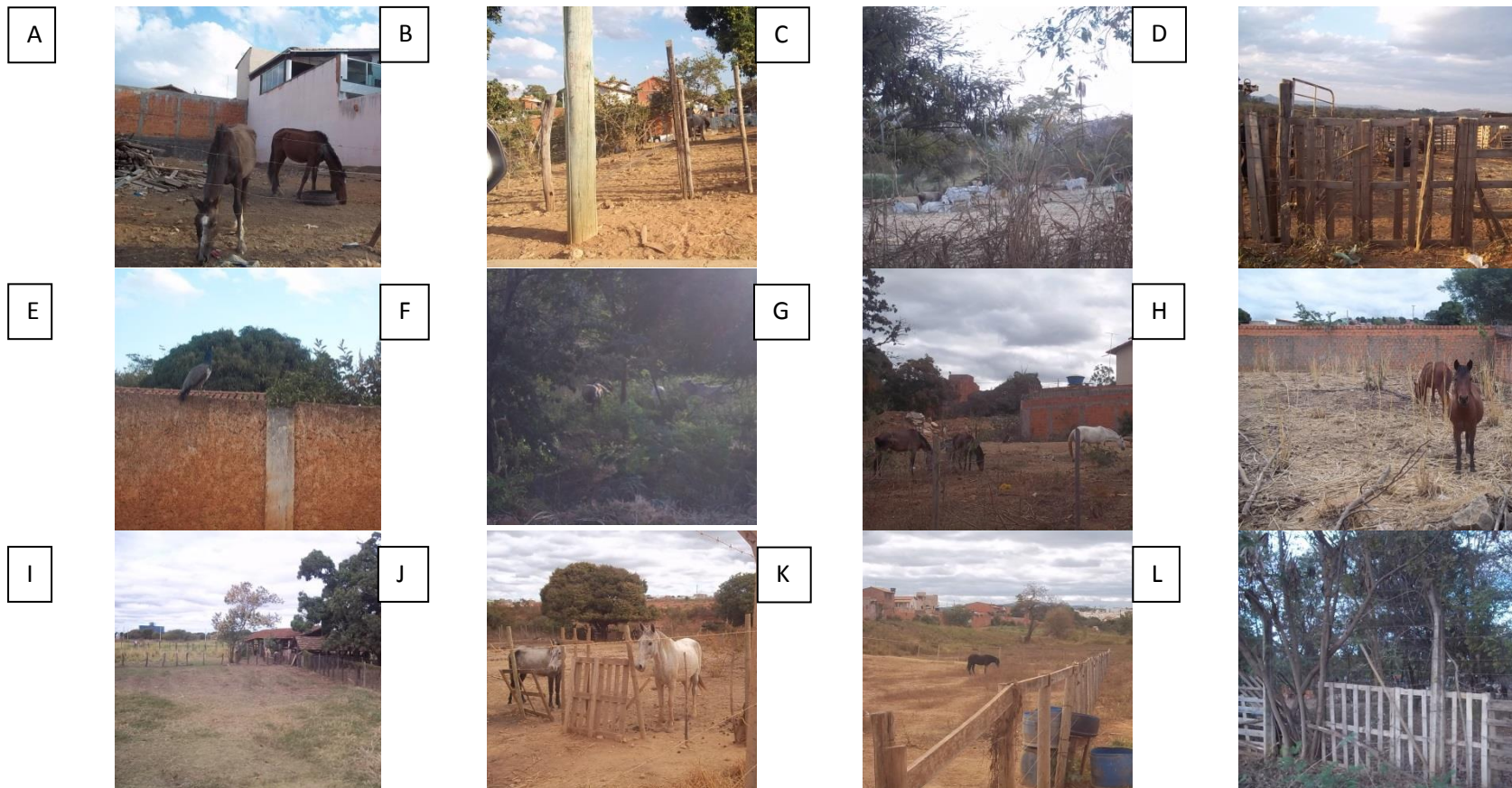
No bairro São Geraldo II existe criação de bovinos e plantio de milho irrigado, no bairro Barcelona Park tem uma horta e no bairro Tancredo Neves, no terreno do Programa de Saúde da Família (PSF), há uma horta comunitária. No bairro Conjunto Joaquim Costa, na Escola Municipal Mestra Fininha, tem uma horta comunitária que vem sendo controlada por 15 famílias há cerca de 20 anos. Além das hortas nos quintais urbanos, em diversos espaços da cidade de Montes Claros, existe a produção de mudas de plantas, árvores frutíferas, plantas medicinais e plantas ornamentais. Nos lotes vagos e nos quintais são criados animais, com destaque para cavalos espalhados em várias áreas periféricas e também de bovinos. A representação das paisagens da Agricultura Urbana pode ser visualizada no mosaico de fotografias tiradas no espaço urbano montes-clarense (Vide Mapa 1 e Figura 1 e 2).

FIGURA1 – Mosaico da paisagem dos espaços da Agricultura Urbana em Montes Claros: hortas e árvores frutíferas (2017)



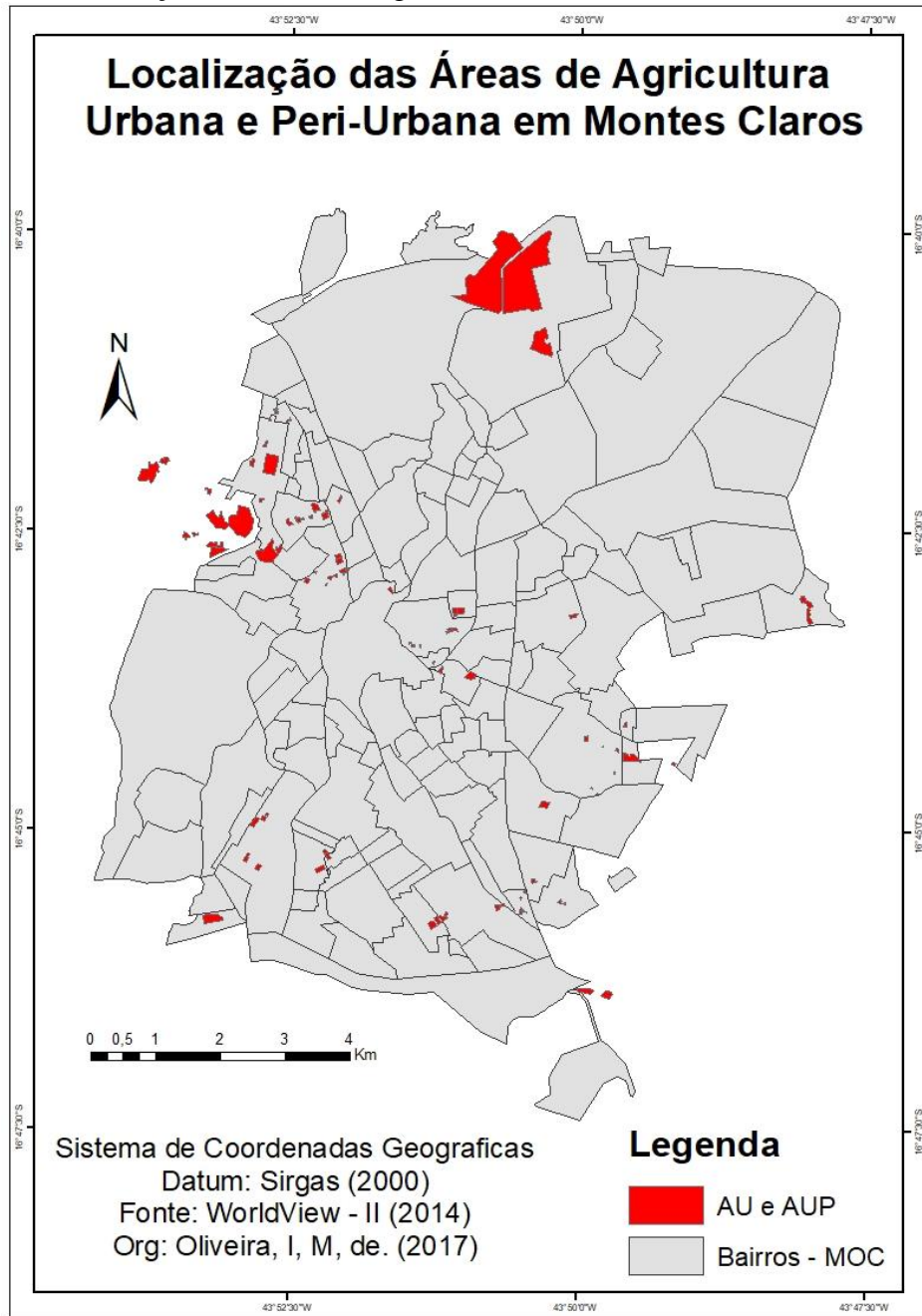
Fonte: OLIVEIRA, I. M., 2017; PEREIRA, L. A. G., 2017. *As fotos foram tiradas durante o trabalho de campo desenvolvido em 14, 23 e 24 de junho de 2017.
Legenda: Foto A – horta no bairro Morada do Parque; foto B – plantação de milho no bairro São Geraldo II; foto C – horta no bairro Jardim Panorama; foto D – produção de acerola no bairro Vila Antônio Narciso; Foto E e F – horta no bairro Conjunto Joaquim costa; Foto G – plantação de feijão guandú ou feijão “andú” no bairro Vila Antônio Narciso; Foto H, I, J, K e L – hortas no bairro Vila Antônio Narciso.

FIGURA 2 – Mosaico da paisagem dos espaços da Agricultura Urbana em Montes Claros: criação de animais (2017)



Fonte: OLIVEIRA, I. M., 2017; PEREIRA, L. A. G., 2017. *As fotos foram tiradas durante o trabalho de campo desenvolvido em 14, 23 e 24 de junho de 2017.
Legenda: Foto A e B –bairro Vila Oliveira; foto C e D – bairro São Geraldo II; foto E e F – bairro Morada do Parque; fotoG, H e I – bairro Vila Antônio Narciso; foto J –bairro Carmelo; foto K – bairro Vila Anália; Foto L – bairro Morada do Sol.

Mapa 01 – Localização das áreas de Agricultura Urbana e Periurbana em Monte Claros



Fonte: WordView-II, 2014. Org. OLIVEIRA, I. M., 2017.

Os espaços urbanos, nos quais são desenvolvidas as atividades agrícolas urbanas, são de propriedade dos próprios agricultores urbanos ou estes usam os espaços que lhes são emprestados. Existe um grupo de produtores que recebe subsídios públicos, principalmente de recursos oriundos de emendas parlamentares para compra de equipamentos (tubulações, tambores, caixas, aspersores e regadores); o município fornece água de poço artesiano e custeia a energia para retirar a água. Porém, outro grupo custeia suas hortas com recursos próprios, e com água comprada da Companhia de Saneamento. É importante frisar que os insumos, tais como sementes e esterços, são custeados pelos próprios produtores agrícola urbanos.

Apesar da Agricultura Urbana persistir no espaço urbano de Montes Claros, ela tem enfrentado vários problemas, dentre os quais: o *boom* imobiliário que levou à

edificação de espaços utilizados pela Agricultura Urbana; a crise hídrica que implementou o rodízio na distribuição pela Companhia de Saneamento; o elevado custo no valor das tarifas da água oriunda da empresa que presta serviço nesse segmento; grande maioria das escolas não ter programas voltados para as práticas agrícolas urbanas; o alto custo com transportes para buscar insumos (esterços) em fazendas e a falta de segurança que tem levado ao roubo de produtos e de equipamentos utilizados nas hortas. Esses problemas têm levado à redução da prática de Agricultura Urbana nos espaços urbanos montes-clarenses.

A Agricultura Urbana apresenta diversas potencialidades em Montes Claros, das quais destacam-se: o uso de quintais e de lotes vagos; o plantio e cultivo pode ser uma terapia para os agricultores urbanos; a geração de emprego e renda; a produção para o autoconsumo e para comercialização; a utilização de matérias orgânicas na produção de hortaliças; a criação e a manutenção de áreas verdes nas cidades; o uso de água de poços artesianos e da companhia de saneamento; e a manutenção das relações urbanas-rurais através de laços socioculturais. É importante ressaltar que a Agricultura Urbana precisa ser preservada, conservada e incentivada no espaço urbano montes-clarenses devido as suas contribuições econômica, social, cultural e ambiental.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As práticas de Agricultura Urbana são desenvolvidas em diversas cidades do mundo, como forma de aproveitar os espaços nas cidades para cultivar atividades ligadas à horticultura, à produção de frutas e plantas ornamentais e à criação de animais. Estes produtos são utilizados para o autoconsumo e para a comercialização nos mercados locais. Desta forma, nas atividades agrícolas urbanas, geralmente, é utilizada a mão-de-obra familiar, assim sendo elas geram emprego e renda, bem como são responsáveis por promover a segurança alimentar e nutricional nos espaços urbanos.

Na cidade de Montes Claros, a Agricultura Urbana ligada às atividades hortícolas é desenvolvida no Bairro Vila Antônio Narciso, local onde se tem a maior concentração de hortas. Em outros bairros, com destaque para o Barcelona Park, o Jardim Panorama, o Morada do Parque, a Vila Tiradentes e o Conjunto Joaquim Costa, foi encontrada apenas uma horta em cada um desses bairros, enquanto que a criação de animais é predominante nos bairros periféricos da cidade de Montes Claros, principalmente os cavalos dos carroceiros. No Bairro São Geraldo II e Morada do Parque encontrou-se também a criação de bovinos. Em diversos bairros centrais e periféricos existem árvores frutíferas, que são importantes na manutenção das áreas verdes desta cidade.

Com o intenso processo de urbanização e de especulação imobiliária no espaço urbano montes-clarenses, a Agricultura Urbana tem perdido espaço para as edificações. Além disso, com o advento da crise hídrica, os rodízios na distribuição e os preços elevados no custo da água, cobrados pela companhia de saneamento, têm dificultado as atividades dos agricultores urbanos, até mesmo inviabilizado a produção por causa da elevação dos custos para molhar as hortas. Estes dois fatores contribuíram para a redução dos espaços da prática de Agricultura Urbana em Montes Claros. As atividades agrícolas urbanas, em função das relações econômicas, sociais, culturais e ambientais delas advindas, demandam políticas públicas voltadas para a sua expansão, preservação e incentivo.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais – FAPEMIG, pelo apoio financiamento no desenvolvimento do Projeto de Pesquisa: “Agricultura Urbana e as Políticas Públicas de Segurança Alimentar e Combate à Fome na Cidade de Montes Claros, MG”, tendo como resultado a elaboração deste artigo.

REFERÊNCIAS

ARRUDA, Juliana. **Agricultura urbana e peri-urbana em Campinas/SP: análise do Programa de Hortas Comunitárias como subsídio para políticas públicas**. 2006. 162 f. Dissertação (mestrado Engenharia Agrícola) - Faculdade de Engenharia Agrícola, Unicamp/campinas, 2006.

BAYER, Ann Waters. Convivendo com animais na cidade: a criação urbana de animais e o bem-estar humano. **Revista Agricultura Urbana**, [S.l.], v. 1, p. s.p, jul./2000. Disponível em: <<http://agriculturaurbana.org.br/RAU/AU01/AU1animais.html>>. Acesso em 15 de Jan. 2017.

BELLOWS, Anne C., et al. **A criação urbana de animais no Estado de Nova Jersey, Estados Unidos**. Disponível em: <<http://agriculturaurbana.org.br/RAU/AU02/AU2jersey.html>>. Acesso em: 10 de maio de 2017.

BOUKHARAEVA, Louiza Mansourovna, et al. Agricultura Urbana como um componente do desenvolvimento humano sustentável: Brasil, França e Rússia. **Cadernos de Ciência & Tecnologia**, [S.l.], v. 22, n.2, p. 413-425, 2005. Disponível em: <<https://seer.sct.embrapa.br/index.php/cct/article/view/8677>>. Acesso em: 20 de junho de 2017.

CARMO, Lúcio Flávio Zancanela do. **Agricultura Urbana na cidade de Rio Branco, Acre: Caracterização, Espacialização e Subsídios ao Planejamento Urbano**. 133 f. Dissertação (Mestrado Solos e Nutrição de Plantas) – Universidade Federal de Viçosa, UFV, Viçosa, 2006.

CARNEIRO, Marina Brandão, et al. Agricultura Urbana: espaços recriados na cidade de Montes Claros. In: IV Fórum de Ensino, Pesquisa, Extensão e Gestão. 2010. Montes Claros. **Anais...** Montes Claros: Unimontes, ONLINE.

CORBETT, Mary. Hortas de pisos múltiplos para apoiar a segurança alimentar. In: **Revista de Agricultura Urbana**. nº 21. Disponível em: <<http://www.ipes.org.br>> acessado em 24 de Jan. de 2011.

CRUSH, Jonathan; HOVORKA, Alice; TEVERA, Daniel. Food security in Southern African cities: the place of urban agriculture. **Progress in Development Studies**, [S.l.], v. 11, n. 4, p. 285–305, 2011. Disponível em: <<http://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/146499341001100402>>. Acesso em: 16 jan./2017.

DRESCHER, A. W; JACOBI, Petra; AMEND, Joerg. Segurança Alimentar Urbana: Agricultura urbana, uma resposta à crise? *Revista de Agricultura Urbana*, v. 1, p. 1-8, 2000. Disponível em: <<http://www.ruaf.org/sites/default/files/AU1resposta.pdf>>. Acesso em: 18 jun. 2016.

GUTMAN, Pablo. Urban agriculture: The potential and limitations of an urban self-reliance strategy. *Food and Nutrition Bulletin*, [S.l.], v.9, n. 2, p. 37-42, 1987. Disponível em: <<http://archive.unu.edu/unupress/food/8F092e/8F092E08.htm>>. Acesso em: 16 jan./2017.

HESPANHOL, R. M.A agricultura urbana em Natal (RN): da produção convencional à orgânica. *Confins* [Online], Paris/São Paulo, n. 24, jun./2015. Disponível em: <<https://confins.revues.org/10309>>. Acesso em: 20 jun./2017.

LEITE, Marcos Esdras; PEREIRA, Anete Marília. **Metamorfose do espaço intra-urbano de Montes Claros/MG**. Montes Claros: Unimontes, 2008.

MACHADO, Altair T.; MACHADO, Cynthia Torres de T. **Agricultura Urbana**. Planaltina, Embrapa Cerrados, 2002. Disponível em: <http://bbeletronica.cpac.embrapa.br/2002/doc/doc_48.pdf>. Acesso em: 8 dez. 2016.

MAIA, Doralice Sátyro. Hábitos rurais em vidas urbanas. In: DAMIANI, Amélia Luisa; CARLOS, Ana Fani Alessandri; SEABRA, Odette Carvalho de Lima (org). **O Espaço no Fim do Século**: a nova raridade. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2001. p. 214-219.

MC CLINTOCK, Nathan C. Mulheres na agricultura periurbana senegalesa: o caso de Touba Peycouck. In: **Revista de Agricultura Urbana**. v. 12. Junho de 2006. Disponível em <<http://www.ipes.org.br>>. Acessado em 24 de Jan. de 2011.

MINAS GERAIS. Lei n. 15.973, de 13 de janeiro de 2006. Dispõe sobre a política estadual de apoio à Agricultura Urbana e dá outras providências. Publicação - MINAS GERAIS Diário do Executivo, 13/01/2006, p. 81, col. 2. Disponível em: <<https://www.almg.gov.br/consulte/legislacao/completa/completa.html?num=15973&ano=2006&tipo=LEI>>. Acesso em: 05 de julho de 2017.

MOUGEOT, L. J. A. Agricultura Urbana – conceito e definição. In: BAKKER, N. *et al.* (Ed.). **Cultivando cidades, cultivando comida**. International Development Research Centre (IDRC), Cities Fielding People Programme. Ottawa, Canadá, 2000. p. 1-7. Disponível em: <<http://agriculturaurbana.org.br/RAU/AU01/AU1conceito.html>>. Acesso em: 20 maio 2016.

OLIVEIRA, Igor Martins de. **Tradições Rurais em Vidas Urbanas. A Agricultura Urbana no Bairro Vila Anália, Montes Claros/MG**. 2011. 87f. TCC (Trabalho de Conclusão de Curso, Graduação em Geografia). Universidade Estadual de Montes Claros-Unimontes, Montes Claros, 2011.

PESSÔA, Cristiane Cardoso. **Agricultura Urbana e pobreza**: um estudo no município de Santa Maria/ RS. 2005. 102 f. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural). Universidade Federal de Santa Maria - RS. Santa Maria, 2005.

SÁNCHEZ, Héctor Ávila. La agricultura em las ciudades y su periferia: un enfoque desde la Geografía. **Investigaciones Geográficas**, [S.l.], n. 53, p. 98-121, 2004.

Disponível

em:<<http://www.investigacionesgeograficas.unam.mx/index.php/rig/article/view/30214>

>. Acesso em: 15 de maio de 2017.

SANTANDREU, Alain; LOVO, Ivana C. **Panorama da Agricultura Urbana e Periurbana no Brasil e diretrizes políticas para sua promoção**. Belo Horizonte: REDE e IPES, 2007. 89 p. Disponível em:

<http://www.agriculturaurbana.org.br/textos/panorama_AUP.pdf>. Acesso em: 25 set. 2016.

TORREGGIANI, Daniele, DALL'ARA, Enrica, TASSINARI, Patrizia. The urban nature of agriculture: Bidirectional trends between city and countryside. **Cities**, [S.l.], v. 29, n. 6, 412–416, 2012. Disponível em:

<<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0264275111001661>>. Acesso em: 26 jan. 2017.

VELOSO, Gabriel Alves; OLIVEIRA, Igor Martins de; CARNEIRO, Marina de Fátima Brandão. Agricultura Urbana: Funções de Identidade, Transmissão dos Saberes e da Cultura. In: V Encontro dos Povos do Cerrado, 2009, Pirapora. **Anais....** Pirapora, Unimontes.

Recebido para publicação em 8 de julho 2017
Aceito para publicação em 10 de setembro de 2017